

**PRINCÍPIOS AFROCÊNTRICOS E A MEMÓRIA DOS QUILOMBOS EM “A TERRA DÁ, A TERRA QUER”, DE ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS: UM LEGADO DE PODER**

**AFROCENTRIC PRINCIPLES AND THE MEMORY OF QUILOMBOS IN ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS'S "THE LAND GIVES, THE LAND WANTS": A LEGACY OF POWER**

**PRINCIPIOS AFROCÉNTRICOS Y LA MEMORIA DE LOS QUILOMBOS EN “LA TIERRA DA, LA TIERRA QUIERE”, DE ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS: UN LEGADO DE PODER**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-257>

**Data de submissão:** 28/09/2025

**Data de publicação:** 28/10/2025

**Duília de Jesus Lopes Melo**

Doutoranda em Educação

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: duilinhadejesus@yahoo.com.br

**Maria Cecilia de Paula Silva**

Pós-doutorado em Antropologia e Sociologia

Instituição: Universidade Strasbourg - França

E-mail: ceciliadepaula.ufba@gmail.com

---

## **RESUMO**

Este trabalho é um exercício de analisar como os princípios afrocêntricos surgem como possíveis reflexos nas memórias e na língua(gem) contidas na obra de Antônio Bispo. Ainda objetivamos evidenciar conceitos apresentados que corroboram com a própria trajetória de vida do escritor enquanto ator político, além de analisar como e se as temáticas educação e racismo são evocadas na obra. O caminho metodológico é bibliográfico e busca ser coerente para condução do referido trabalho, de cunho qualitativo, onde apresentamos também contribuições de outros autores. A proposta desta obra é um convite para uma educação contracolonizadora pois somos apresentados a conceitos como confluência de saberes, cosmofobia, colonialismo de submissão, entre outros. E mais, se aproxima de maneira muito particular do pensamento central e dos princípios do afrocentrismo proposto por Asante (2019). A referida obra se apresentou como sofisticado arcabouço para as questões de memória, racismo e educação, visto que propõe estratégias para uma educação que se proponha como contracolonizadora, afrocentrada.

**Palavras-chave:** Afrocentricidade. Comunidade Quilombola. Memória. Racismo. Educação.

## **ABSTRACT**

This work is an exercise in analyzing how Afrocentric principles emerge as possible reflections in the memories and language contained in the work of Antônio Bispo. We also aim to highlight concepts presented that corroborate the writer's own life trajectory as a political actor, as well as to analyze how and whether the themes of education and racism are evoked in the work. The methodological approach is bibliographic and seeks to be consistent in conducting this qualitative work, where we also present contributions from other authors. The proposal of this work is an invitation to a counter-colonial education, as we are presented with concepts such as the confluence of knowledge, cosmophobia,

colonialism of submission, among others. Furthermore, it approaches in a very particular way the central thought and principles of Afrocentrism proposed by Asante (2019). This work presented itself as a sophisticated framework for issues of memory, racism, and education, since it proposes strategies for an education that aims to be counter-colonial and Afrocentric.

**Keywords:** Afrocentricity. Quilombola Community. Memory. Racism. Education.

## RESUMEN

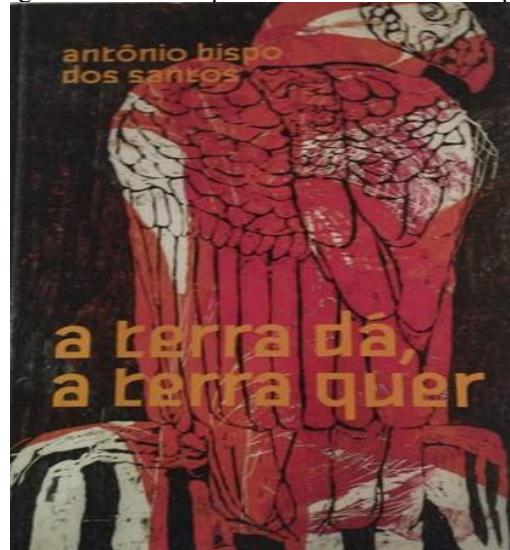
Este trabajo analiza cómo los principios afrocéntricos emergen como posibles reflejos en las memorias y el lenguaje presentes en la obra de Antônio Bispo. También buscamos destacar los conceptos presentados que corroboran la propia trayectoria vital del escritor como actor político, además de analizar cómo, y si, los temas de educación y racismo se evocan en la obra. El enfoque metodológico es bibliográfico y busca ser consistente en la realización de este trabajo cualitativo, donde también presentamos contribuciones de otros autores. La propuesta de este trabajo es una invitación a una educación contracolonizadora, al introducir conceptos como la confluencia de saberes, la cosmofoobia y el colonialismo de sumisión, entre otros. Además, se aproxima al pensamiento central y los principios del afrocentrismo propuestos por Asante (2019). Este trabajo se presenta como un marco sofisticado para las cuestiones de memoria, racismo y educación, al proponer estrategias para una educación que se propone como contracolonizadora y afrocéntrica.

**Palabras clave:** Afrocentrismo. Comunidad Quilombola. Memoria. Racismo. Educación.

## 1 AFROCENTRICIDADE E EDUCAÇÃO

O referido texto parte do exercício de analisar como os princípios do afrocentrismo surgem como possíveis reflexos nas memórias e na narrativa de Antônio Bispo dos Santos.

Figura 1: Foto da capa do Livro de Antônio Bispo



Fonte: Autoria de Duília de Jesus Lopes Melo, 2025

Para tal intento, buscamos a presença dessa temática na obra “A terra dá, a terra quer<sup>1</sup>”, do escritor Antônio Bispo dos Santos, pretendemos também evidenciar conceitos apresentados que corroborem com a própria trajetória de vida do escritor enquanto ator político, integrante de uma comunidade quilombola e que busca o fortalecimento da oralidade de seu povo.

Este texto é concebido a partir da leitura de vários críticos africanos e afro-brasileiros que compreendem que o eurocentrismo não é parâmetro cultural para toda humanidade. Partimos dos pressupostos formulados por Asante, Diop e outros para que a “relevância epistemológica da Afrocentricidade se concretizasse no ideal de transformação no/para o pensamento filosófico-educacional brasileiro” (Benedicto,2016).

Ainda segundo este mesmo autor,

os afrocentristas estão definitivamente comprometidos com uma nova narrativa da História da África, visto que o estudo da história do continente africano nos últimos séculos foi marcado pelo eurocentrismo dos estudiosos que transformaram seus preconceitos em verdades absolutas(Benedicto,2026).

<sup>1</sup> A obra “A Terra dar, a terra quer” (2023) é mais um relato do autor na disposição de enfrentar os desafios do fundamento colonial imposto ao povo brasileiro e principalmente aos integrantes de comunidades quilombolas no Brasil.

Entendemos que esta obra de Bispo apresenta conceitos que de uma perspectiva afrocentrada pois nos desperta a perceber o quanto caros são para o povo afro-brasileiro e para a sociedade como um todo. Assim como Bispo (2023), a tese de Cheikh Anta Diop apresenta princípios que argumentam a importância de valores e crenças que contribuem para o “processo de uma identidade cultural”, (Benedicto, 2016). E o princípio que aqui nos ateremos é o princípio linguístico, uma vez que,

“ fator linguístico que permite aos povos comunicar seus valores, crenças, conhecimentos e experiências. Desse modo, o autor sustenta que os africanos devem buscar uma unidade linguística africana apesar da aparente variedade linguística falada no continente ( pg.22)

Diante do exposto, partimos da pergunta central deste texto: Os conceitos elencados e discutidos na obra podem contribuir para o fortalecimento da realidade educacional brasileira? Como as pesquisas tem se voltado para a memória dos integrantes de comunidades quilombolas brasileiras?

## **2 O CAMINHO METODOLÓGICO**

A escolha para esse caminhar metodológico é bibliográfica e busca ser coerente para condução do referido trabalho, de cunho qualitativo. Aqui, partimos do pensamento que a pesquisa bibliográfica é um tipo de estudo que analisa documentos de competência científica como livros, periódicos, ensaios e artigos científicos. Para além disso, com este tipo de estudo, temos o privilégio de desenvolver o estudo diretamente na fonte científica escolhida (Oliveira,2018).

## **3 AS DISCUSSÕES SOBRE AS MEMÓRIAS**

O exercício no qual procuramos desenvolver, nos levou a conhecer a natureza de um lugar com toda sorte de detalhes através das lembranças memorísticas do escritor. Aqui, somos aproximados do conceito da memória como a ideia africana de reconstrução de um acontecimento ou narrativa. Não apenas a recordação, mas o pensamento de deslocar o passado para o presente (Hampâté Bâ, 2010). Mesma concepção de Halbwachs (1990) pois o mesmo entende que a memória “é, ao mesmo tempo, um saber e uma lembrança”.

Entendemos tal exercício de Bispo quando o mesmo lembrava de seus primeiros dias,

Nos primeiros passos de minha vida, os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. Compreendo o ambiente onde dei os primeiros passos como uma das bases de lançamento da minha trajetória. Uma memória maravilhosa que ainda pulsa, é acordar ouvindo o canto da passarada informando quais condições meteorológicas do dia (Santos,2023, P.10).

Quando, aos dezoito anos, saí para conhecer uma cidade, percebi que existia outro mundo para além daquele onde nasci me criei. A cidade era outro mundo. Nas cidades, as pessoas não sabiam fazer suas próprias casas, como sabíamos fazer no lugar de onde viemos. Não sabiam

e ficavam dependendo de outros que as fizessem por elas. Onde nasci e fui criado, todo mundo tinha casa. Só não tinha casa quem não queria e morava com os pais, com os parentes ou com os amigos. Ou quem andava perambulando, quem achava por bem não ter casa porque era muito trabalhoso cuidar. Mas na cidade não era assim. As pessoas dependiam de casas que não sabiam fazer. Onde nasci e fui criado, desde criança, íamos observando, achávamos um lugar bonito, criávamos uma relação, uma comunicação com o lugar. E marcávamos: “Vou fazer a minha casa aqui”. Eu não precisava pagar para fazer a minha casa. Pelo contrário, havia um grande mutirão, vinha todo mundo! Era uma festa, e fazíamos uma casa muito rapidamente (Santos,2023, P.20).

Tal momento memorativo, nos ensina que “a lembrança pura traz à tona da consciência um momento único, singular, irreversível, da vida... A memória, é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” (Bosi,1994).

Assim, o viés crítico contido na obra nos permite uma conjectura de/para uma ecologia de saberes ancestrais com os conceitos de cosmologia , cosmopercepção e afroconfluência através de uma apresentação minuciosa de sua relação com o meio ambiente, e mais, o texto manifesta-se com uma lingua(gem) crítica e consciente que denuncia o racismo e os efeitos desse ranço colonial imputado ao povo negro brasileiro.

Para Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nego Bispo, a palavra confluência ou compartilhamento dita mundo a fora, era motivo de festa, pois entre os seus, haviam pessoas compartilhantes e afroconfluentes. Confluência e compartilhamento para Bispo se equiparam no pensamento de uma relação recíproca, de compartilhamento e não de troca ou divisão e este conceito é evidenciado em mais uma de suas memórias, como a apresentada a seguir:

Nasci e fui criado em uma encruzilhada de biomas, onde se encontram o semiárido, os cocais, a pré- Amazônia e, vez por outra, também alguns sinais do que se chama de Mata Atlântica. Quando nasci, havia ali uma grande ocupação territorial de pessoas afroconfluentes. Boa parte dessas pessoas compunham minha família. As outras famílias também eram afroconfluentes. Havia mais de dezoito engenhos de madeira de tração animal para fabricação de rapadura que pertenciam ao povo afroconfluente. Não há indícios de que o povo desse território tenha sido escravizado.

Não temos essa memória das nossas gerações avó, bisavó ou tataravó. O meu tio-avô nasceu no século XIX. Isso significa dizer que o meu bisavô nasceu antes da Lei Áurea e que meu tataravô nasceu muito antes da Lei Áurea. Nós nunca ouvimos falar em trabalho escravo na nossa família. E também não tivemos patrões.

As nossas relações com as pessoas com as pessoas não afroconfluentes e não indígenas naquele território eram relações de respeito, correlações de forças equilibradas. Quando havia algum desequilíbrio, elas eram favoráveis a nós, porque detínhamos grande confluência de saberes. Sabíamos tudo o que era necessário para viver naquele ambiente. Nossa família plantava o que precisava, era mestra na agricultura e dominava o beneficiamento. Sabia fazer equipamentos para beneficiamento da mandioca, da cana e do álcool. Um povo que sabia disso tudo provavelmente não foi escravizado nem teve sua memória apagada como intencionavam e intencionam até hoje os eurocristãos colonialistas (Santos,2023, P.39).

Nessa perspectiva, a proposta desta obra é um convite para uma educação contracolonizadora pois somos apresentados a conceitos como confluência de saberes, cosmofoobia, colonialismo de

submissão, entre outros. E mais, se aproxima de maneira muito particular do pensamento central, dos princípios e da importância da ideia afrocêntrica educacional proposta por Asante (2019).

Segundo Noguera (2010), o pensamento afrocentrado é “o que se traduz no campo da educação através da ênfase no ponto de vista que situa os povos africanos e a população afrodescendente como agentes e não coadjuvantes”.

#### **4 A MEMÓRIA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS**

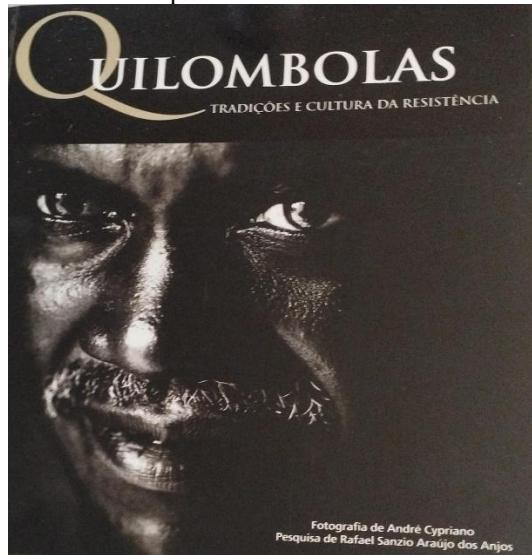
Em sua tese intitulada “O Meio Ambiente e o Bem Viver nas Comunidades Quilombolas de Cruz das Almas e Muritiba, Bahia: Um Olhar do Tempo Presente”, em andamento, Melo (2025) propõe como parte de seus escritos, enunciar memórias de integrantes das Comunidades Quilombolas<sup>2</sup> do Recôncavo Baiano, a saber: a Comunidade Quilombola da Baixa Grande, inserida no Distrito Rural do São José do Itaporã, município de Muritiba e da Comunidade Quilombola da Vila Guaxinim, município de Cruz das Almas. Tal pesquisa dialoga nas discussões deste texto pois elege a exposição das vivências, experiências e memórias nas práticas corporais dessas comunidades, aproximando-as de temáticas ímpares e que demonstram tradição, cultura e resistência que são: meio ambiente, as relações de lazer e como a filosofia do Bem Viver estão inseridas nas mesmas. Para Melo (2024,2025), assim como Bispo (2023), Lourenço e Ribeiro (2024), Anjos (2006) e Gomes (2015) “a história dos quilombos, das comunidades quilombolas e de seus desdobramentos – do passado e do presente” - é tema do tempo presente.

Em sua obra “Quilombolas”<sup>3</sup> o professor doutor em Geografia e pesquisador Rafael Sanzio Araújo dos Anjos apresenta uma longa pesquisa cartográfica e fotográfica de comunidades quilombolas no Brasil. Aqui, Anjos (2006) discorre sobre a máxima expressão africana na população brasileira e como a identidade, a história, a cultura e a memória dessas comunidades fazem parte da sociedade brasileira.

<sup>2</sup> Comunidades Quilombolas está em letras maiúsculas para demarcar o objeto de estudo.

<sup>3</sup> QUILOMBOLAS TRADIÇÕES E CULTURA DA RESISTÊNCIA, Anjos ,2006

Figura 2: Foto da capa do Livro de Rafael Sanzio dos Anjos



Fonte: Autoria de Duília de Jesus Lopes Melo, 2025

Vale ressaltar, que as temáticas discutidas na pesquisa e na obra do Professor Rafael Sanzio e os relatos dos participantes da pesquisa, dialogam nas linhas e entrelinhas da obra de Bispo.

A consciência de sua relação a terra e as relações pessoas com a terra pode ser evidenciada nas palavras de Bispo: “nossa geração avó dizia que a gente planta o que a gente quer , o que a gente precisa e o que a gente gosta, e a terra dá o que ela pode e o que a gente merece”(Bispo,p.90), assim como no relato de um participante da pesquisa, de Conceição dos Caetanos, Tururu, Ceará “a casa de farinha ,onde a mandioca é processada, permanece viva nos quilombos, sendo símbolo de um caminhar junto, o exemplo de que tanto o dia-a-dia quanto o futuro da comunidade sempre se basearão na sobrevivência desse espaço” (Anjos, p.69).

Vejamos ainda no quadro abaixo as temáticas evidenciadas e suas reverberações:

Tabela 1 - Propositivas da obra de Anjos

Expressão africana na população brasileira	A África, a Diáspora, o Brasil A África e a educação
Territorialidade e resistência	Cartografia quilombola Quilombos contemporâneos A questão da terra
Identidade étnica e cultural	Espaço comunitário Dança Religião Kalunga Mocambo
Desafios para o futuro	
As comunidades no território nacional	
Quilombolas, Traditions and Resistance	

Fonte: Autoria de Duília de Jesus Lopes Melo, 2025

Anjos (2006), nos desperta o interesse nesta obra pois, segundo o próprio autor,

a recepção calorosa de informantes, moradores e lideranças ao projeto deste livro ofereceu sinais claros da necessidade de que é preciso entrar em contato com os quilombolas, com suas histórias transmitidas oralmente, com suas danças tradicionais, suas cantigas , seus benzimentos e suas rezas , seus diversos falares, sorrisos largos, olhos atentos ao espaço em que vivem muitas vezes em condições muito precárias ; resgatar toda esta memória e dar importância ao diálogo sobre as principais questões que os envolvem.

Em Mocambos e Quilombos (2015), Gomes expõe um vasto panorama das vicissitudes do campesinato quilombola no Brasil. Gomes nos apresenta a cultura quilombola sem perder de vista a influência das cosmologias africanas, suas experiências na senzala e seus ambientes. O autor foi além ao conhecer diversos tipos de quilombo em cada região do Brasil e como as novas formas de aquilombar adquiriram nos significados para o contexto brasileiro e abordando as memórias a partir de um diário de viagens.

Por fim, temos o “Grito dos Quilombos”<sup>4</sup>, de Lourenço e Ribeiro (2024) onde abordam uma perspectiva histórico-cultural e memorística de muitas comunidades quilombolas ao redor do Brasil. Toda obra é composta por histórias contadas ou vividas por integrantes de quilombos de varias regiões do Brasil e em seu escopo , muitas lembranças foram revisitadas trazendo registros da/sobre a presença africana e afro-brasileira em vários contextos de vida dessa parte da população .Em seus 17 textos, em sua maioria apresentando muitas memórias referentes ao processo de certificação das comunidades, sobre aceitação, racismo e preconceito, a cultura e a identidade, o medo , liberdade e por fim , a consciência.

Sobre a consciência, apresentamos o relato de Manoel, remanescente e professor da escola do Quilombo Aldeia, em Garopaba, Santa Catarina,

“Um dos nossos tripés é o conhecimento ancestral...o ato de educar é ancestral. Nós, os mais novos, bebemos do mais velhos. Eu, por exemplo, ensino uma pedagogia quilombola. Eu ensino matemática. Então, não é que é que eu vá desprezar a matemática moderna, mas vou trabalhar também a étnico-matemática.

## 5 A MEMÓRIA, A LÍNGUA(GEM) E A EDUCAÇÃO

Para além das questões conceituais, o autor parece confabular com bell hooks em “A língua: ensinando novos mundos/novas palavras” ao propor a inserção de língua(gem) “dos seus” para

<sup>4</sup> O GRITO DOS QUILOMBOS, HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA DE UM BRASIL SILENCIADO de Marina Lourenço e Tayguara Ribeiro,2024

proposição da quebra dos paradigmas do que está posto pela imposição globalizada, eurocêntrica e hegemônica que faça com que o colonizador não entenda o que está sendo dito.

Tal alusão está no poema de Adrienne Rich chamado “The Burning of paper Instead of Children”( Queimar papel em vez de crianças).O referido poema fala sobre “ a dominação ,o racismo e a opressão de classe”, O verso “Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você” era o mais tocante na memória de hooks, pois para ela essas palavras lhe transmitia “o caminho” para entender que as mesmas seriam instrumentos que a despertava conscientemente para o vínculo entre a linguagem e a dominação(hooks,2013).

Com sua maestria nas palavras, Santos nos ensina:

Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”, como dizia um dos meus grandes de defesa. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também.

Entre outros escritos em que traduzi os saberes ancestrais de nossa geração avó da oralidade para a escrita, trouxemos algumas denominações que as pessoas da academia chamam de conceitos. A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las.

Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: “Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo? E respondi: “Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las.

Tais questões, muito caras ao povo brasileiro também são discutidas e alicerçadas nas palavras de Melo (2024) que estão intrinsecamente relacionadas em alguma perspectiva com as proposições de/para o pensamento afrocêntrico que se propõe como caminho possível e necessário para uma educação afrocentrada e para nós, antirracista.

## 6 A QUE CONCLUSÃO CHEGAMOS...

Diante dos anúncios, algumas considerações se apresentam, pois entendemos que o exercício inicial proposto pela atividade foi alcançado na perspectiva de aproximação do objetivo de analisar como os princípios do afrocentrismo surgem como possíveis reflexos nas memórias e na narrativa contidas na obra.

Evidenciamos ainda que a obra “A terra dar, a terra quer” se apresentou como sofisticado arcabouço crítico para as questões de língua(gem), racismo e educação, visto vez que propõe estratégias compatíveis para uma educação que se proponha como contracolonizadora, afrocentrada, e que atende ao questionamento levantado. E por fim, os conceitos elencados na obra ora aqui apresentada, se mostram condizentes com a trajetória de vida e as memórias do escritor Antônio Bispo,

uma vez que os mesmos permeiam ao longo do texto de forma que sejam apresentados, explicados e exemplificados de como acontecem na comunidade.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael S. dos. QUILOMBOLAS TRADIÇÕES E CULTURA DE RESISTÊNCIA. São Paulo, Aori Comunicação e Produções Culturais,2006

ASANTE, Molefi Kete. A IDEIA AFROCÊNTRICA EM EDUCAÇÃO. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE, Número 31: mai.-out./2019

BENEDICTO, R. M. Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro. 2016. 298 p. tese (doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29032017-61243/publico/ricardo\\_matheus\\_benedicto\\_rev.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29032017-61243/publico/ricardo_matheus_benedicto_rev.pdf). acesso em: 13 dez. 2024.

GOMES, Flavio dos S. Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil.1ªedição-São Paulo. Editora clareoenigma,2015

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In J. Ki-Zerbo (Org.) História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África (pp. 167-212). Brasília: UNESCO, 2010.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes.2013

LOURENÇO, M.; RIBEIRO, T.O grito dos quilombos: Histórias de resistência de um Brasil silenciado.1ª edição-São Paulo:Todavia,2024

MELO, Duília de Jesus Lopes. Corpos negros, educação e territórios de identidade no tempo presente [recurso eletrônico]: reflexões a partir de estudantes de uma escola pública de ensino médio em Muritiba/BA (dissertação de mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador Bahia, 2024.disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/39138>

OLIVEIRA ,Maria Marly de. Como Fazer Pesquisa Qualitativa / 7ª Edição.Ed. Vozes. 2018  
NASCIMENTO, Gabriel. Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p. ISBN 978-85-9530

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.